



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

470 anos do 2º Governo Geral do Brasil com Duarte da costa - 460 anos do Armistício de Iperoígue - 400 anos do início da penetração de Bento Parente, Pedro Teixeira e Luis Aranha pelo rio Amazonas e fundação dos fortes de Desterro e Gurupá - 380 anos da criação do Conselho Ultramarino em Portugal - 320 anos do Tratado de Methuen - 270 anos do início da construção do Forte Jesus Maria José de Rio Pardo - 260 anos da elevação do Brasil a Vice-Reino - 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva - 200 anos das vitórias nas guerras de independência (BA, MA, PI, PA e Cisplatina) - 180 anos do início das operações de Caxias contra a Revolução Farroupilha - 170 anos do rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra em função da Questão Christie - 120 anos da ocupação do Acre pelo Brasil - 100 anos da Revolução de 1923 no RS - 80 anos da criação da FEB - 50 anos do Acordo de Itaipu com o Paraguai

ANO 2023

Agosto

Nº 433

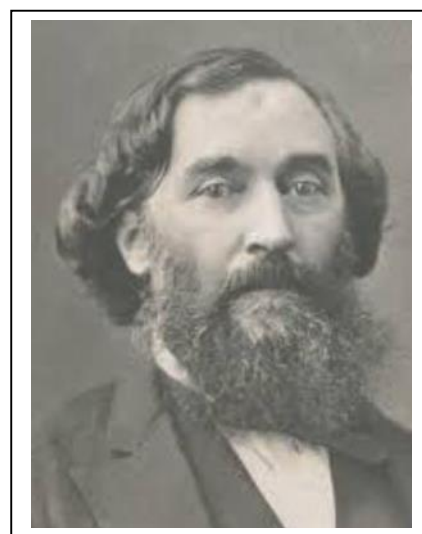
Curupayti: uma tragédia para nosso Exército

Prof. Dr. Vivaldo José Breternitz ()*

Em 1866, o comando das tropas aliadas que enfrentavam o Paraguai era exercido pelo então presidente argentino, Bartolomé Mitre (foto ao lado).

Mitre vinha tentando negociar a paz com Solano Lopez, e em 14 de setembro daquele ano prometera ao ditador paraguaio “no hacer modificación alguna en la situación de los beligerantes” enquanto se desenvolvessem as negociações.

Talvez pretendendo aproveitar-se de um relaxamento dos paraguaios em função das negociações, ou pretendendo repetir o sucesso do General Manuel Marques de Sousa, Visconde de Porto Alegre, que apoiado pelo forte bombardeio da Marinha brasileira, sob o comando do Almirante Tamandaré, tomara no dia 3 daquele mês a importante posição paraguaia de Curuzu, Mitre resolveu atacar as formidáveis fortificações de Curupaytí.



No mesmo dia em que prometeu um armistício a Lopez, Mitre desembarcou em Curuzu, que ficava próximo a Curupaytí, com nove mil soldados argentinos, a nata de seu exército. Junto com os dez mil do General Marques de Souza (foto ao lado), pretendia-se tomar Curupaity, que era guarnecida por cinco mil paraguaios.

Mitre julgava que a batalha seria um passeio, que permitiria aos aliados aproximarem-se da poderosa fortaleza de Humaitá. Para maior segurança, no dia 17 - o dia marcado para o ataque, mais soldados viriam de Tuyuty para apoiar o ataque e a esquadra brasileira bombardearia os paraguaios.

Essa foi a primeira e a última batalha comandada por Mitre: Lopez não havia acreditado em suas promessas de paz e estava alerta, tendo designado aquele que talvez fosse seu um de seus melhores táticos, o então coronel José Díaz (foto abaixo), para preparar rapidamente as defesas, inclusive ocultando de maneira muito eficaz a artilharia, que apoiava sete batalhões de infantaria e quatro esquadrões de cavalaria.

O ataque não aconteceu em 17 de agosto em função das chuvas – apenas em 22 Mitre ordenou o ataque das fortificações à baioneta, para a estupefação do General Marques de Souza, porque com as chuvas o terreno havia se tornado um pântano. Por lealdade, o general brasileiro obedeceu à insensata ordem e em quatro colunas,



os 19 mil brasileiros e argentinos avançaram, apenas para serem dizimados pela artilharia paraguaia.

Tudo saiu errado: por falhas de comunicação, o fogo da Marinha foi pouco eficaz e os reforços vindos de Tuyuty acabaram se atrasando, deixando os atacantes atolados no lamaçal, servindo de alvo para os paraguaios.

Mitre seguia emitindo ordens de ataque, até que o General Marques de Souza, de maneira firme, o advertiu que aquilo seria a derrota "mais grave desta guerra", e que se o avanço continuasse, todos os atacantes morreriam sem chegar às trincheiras paraguaias; Mitre então ordenou a retirada.

Não há números precisos, mas os mortos brasileiros e argentinos podem ter chegado a dez mil, contra menos de cem paraguaios.

A derrota interrompeu as operações aliadas por dez meses, até julho de 1867; outro de seus efeitos foi a nomeação de Caxias como comandante de todas as forças brasileiras.

Apenas em 21 de março de 1868 Curupaytí caiu, quando duas colunas brasileiras, uma vinda de Tuyucú e outra partindo de Tuyuty, atacaram a posição, forçando os defensores a abandoná-la.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas

@@
O preço da Liberdade - 4 de julho de 1776 - EUA

(Contribuição do amigo e colega de turma Cel Inf Vet EM Vitor Hugo Loureiro Ludwig por meio de arquivo do mesmo, baseado em <https://www.noticiasemmascara.com/p/o-que-aconteceu-com-os-56-homens>)

Você já se perguntou o que aconteceu com os 56 homens que assinaram a Declaração de Independência (dos Estados Unidos da América)?

Cinco signatários foram capturados pelos britânicos como traidores e torturados antes de morrer. Doze tiveram suas casas saqueadas e incendiadas. Dois perderam seus filhos no exército revolucionário, outro teve dois filhos capturados. Nove dos 56 lutaram e morreram de ferimentos ou dificuldades da guerra revolucionária.

Eles assinaram e (com)prometeram suas vidas, suas fortunas e sua sagrada honra.

Que tipo de homens eles eram? Vinte e quatro eram advogados e juristas. Onze eram comerciantes, nove eram lavradores e latifundiários, homens de posses, bem-educados. Mas eles assinaram a Declaração de Independência sabendo muito bem que a pena seria a morte se fossem capturados.

Carter Braxton, da Virgínia, um rico fazendeiro e comerciante, viu seus navios serem varridos dos mares pela Marinha britânica. Ele vendeu sua casa e propriedades para pagar suas dívidas e morreu em farrapos.

Thomas McKean foi tão perseguido pelos britânicos que foi forçado a mudar sua família quase constantemente. Ele serviu no Congresso sem remuneração e sua família foi mantida na clandestinidade. Suas posses foram tiradas dele, e a pobreza foi sua recompensa.

Vândalos ou soldados, ou ambos, saquearam as propriedades de Ellery, Clymer, Hall, Walton, Gwinnett, Heyward, Rutledge e Middleton.

Na batalha de Yorktown, Thomas Nelson Jr. observou que o general britânico Cornwallis havia assumido a casa de Nelson como seu quartel-general. O proprietário silenciosamente instou o general George Washington a abrir fogo. A casa foi destruída e Nelson morreu falido.

Francis Lewis teve sua casa e propriedades destruídas. O inimigo prendeu sua esposa e ela morreu em poucos meses.

John Hart foi expulso do leito de sua esposa quando ela estava morrendo. Seus 13 filhos fugiram para salvar suas vidas. Seus campos e seu moinho foram destruídos. Por mais de um ano ele viveu em florestas e cavernas, voltando para casa para encontrar sua esposa morta e seus filhos desaparecidos. Algumas semanas depois, ele morreu de exaustão e de coração partido. Norris e Livingston sofreram destinos semelhantes.

Tais foram as histórias e sacrifícios da Revolução Americana. Esses não eram rufiões de olhos arregalados e agitadores. Eles eram homens de fala mansa, de meios e educação. Eles tinham segurança, mas valorizavam mais a liberdade.

De pé, eretos e inabaláveis, eles prometeram:

“Para o apoio desta declaração, com firme confiança na proteção da providência divina, comprometemo-nos mutuamente, nossas vidas, nossas fortunas e nossa honra sagrada”.

Me envergonho em ler esse texto nos dias de hoje. Diante de tantos sacrifícios, tragédias, guerras e mortes, a humanidade contemporânea ignora o alto preço que foi pago por esses heróis para nos deixar o legado mais sagrado: a liberdade!

Hoje me dou conta que a maioria da população atual, não tem a menor noção do que isso realmente representa...

Na página seguinte, uma imagem do Memorial aos 56 signatários da Declaração de Independência dos EUA, que representa as assinaturas dos mesmos. Ele está localizado no Constitution Gardens, no National Mall em Washington, DC. O memorial é acessível ao público cruzando uma ponte de madeira para uma pequena ilha situada no lago entre a Constitution Avenue e o Reflecting Pool, não muito longe do Vietnam Veterans Memorial.

Fonte: Memorial aos 56 signatários da Declaração de Independência – Jardins da Constituição – Comissão Nacional de Planejamento da Capital, Washington.



#####

Sete coisas que você não sabe sobre a Declaração de Independência dos EUA

POR HISTORY CHANNEL BRASIL EM 19 DE OUTUBRO DE 2021 ÀS 15:52 HS

Em 4 de julho, nos EUA, é comemorada a assinatura da Declaração da Independência, ocorrida em 1776, quando houve a separação do Império Britânico. O aniversário é uma boa oportunidade para saber mais sobre um dos documentos mais importantes da potência mundial norte-americana. Filosoficamente, a Declaração enfatizou os direitos individuais e o direito de revolução. Estas ideias também foram difundidas pelo mundo todo, em especial a Revolução Francesa.

1. A Declaração da Independência não foi assinada em 4 de julho: Em 4 de julho de 1776, após 12 das 13 colônias votarem a favor da independência do país, o Congresso dos EUA adotou oficialmente a Declaração da Independência. No entanto, a assinatura do documento foi feita cerca de um mês depois.

2. Quando as notícias da Declaração da Independência chegaram a Nova York, causaram um grande alvoroço: George Washington, então comandante das Forças Continentais da cidade, leu o documento diante de uma enorme multidão, a qual, no mesmo dia, derrubaria uma estátua do rei Jorge III do Reino Unido.

3. Oito dos 56 assinantes eram britânicos: Entre os membros do Congresso que assinaram a Declaração de Independência, estavam os ingleses Gwinett Button e Robert Morris, o galês Francis Lewis, os escoceses James Wilson e John Witherspoon, os irlandeses George Taylor e Matthew Thornton, e o norte-irlandês James Smith.

4. Um dos assinantes voltou atrás: Em 30 de novembro de 1776, Richard Stockton, um dos assinantes da Declaração da Independência foi capturado e encarcerado pelos britânicos. Depois de meses passando fome e sofrendo maus tratos, Stockton retirou sua assinatura e jurou lealdade ao rei Jorge III.

Dinastia de Borgonha

I. D. Afonso I (Afonso Henriques) – 1128-1185

II. D. Sancho I – 1185-1211

III. D. Afonso II (*rei-leproso*) – 1211-1223

IV. D. Sancho II – 1223-1248

V. D. Afonso III – 1245-1279

VI. D. Dinis, o *Lavrador* – 1279-1325

VII. D. Afonso IV, o *Bravo* – 1325-1357

VIII. D. Pedro I, o *Cruel* – 1357-1367

IX. D. Fernando I, o *Formoso* – 1367-1383

D. Leonor Teles (regência) – 1383 (outubro a dezembro)

Interregno – 1383 (dezembro)-1385 (abril)

Dinastia de Avis

X. D. João I, da *Boa Memória* – 1385-1433

XI. D. Duarte, o *Eloquente* – 1433-1438

D. Leonor de Aragão (regência) – 1438-1439

D. Pedro, duque de Coimbra (regência) – 1439-1448

XII. D. Afonso V, o *Africano* – 1448-1481

Mapa 1



Hispania sob a República Romana

Cronologia

409 — Entrada de suevos, vândalos asdingos, vândalos silingos e alanos na Península Ibérica.

411 — Tratado entre os bárbaros e o Império: aqueles foram acantonados como federados — suevos e vândalos asdingos na Galícia; vândalos silingos na Bética; alanos (mais numerosos) na Lusitânia e Cartaginense.

412-415 — Período de Ataulfo, rei visigodo.

415 — Entrada de visigodos na Península comandados por Wallia, a pedido dos romanos para combater vândalos silingos e alanos que pilhavam as regiões mais romanizadas ao sul. Morte de Ataulfo, rei visigodo.

415-417 — Período de Wallia, rei visigodo. Morreu em 417.

417-451 — Período de Teodorico, rei visigodo.

419 — Os Vândalos asdingos, que tinham recebido terras na Galécia, atacam os suevos (que viviam nos montes Nerbasios, na região de Orense). Esta agressão serve de pretexto ao *comes Hispaniarum* Astério e ao *vicarius* Maurocelo para atacarem os Asdingos.

422 — É enviado, sem sucesso, um exército romano para atacar os asdingos. Morte do rei dos vândalos asdingos, Gunderico.

425 — Os vândalos tomam Sevilha e Cartagena.

428 — Genserico, novo rei dos vândalos asdingos, ataca povoações nas ilhas Baleares.

429 — Os vândalos, senhores do sul da Península, passam à África do Norte. Os visigodos desembarcam nas ilhas Baleares e em Tânger.

430-456 — Consolidação do reino suevo na Península.

438 — O príncipe suevo Réquila, associado ao trono pelo rei Hermerico, invade a Bética e devasta várias cidades da Lusitânia, entre elas Mérida e Mértola. O exército organizado pelo patriciado local, comandado por Andevoto, é derrotado nas margens do rio Genil.

441 — Período de Réquila, rei dos suevos.

441-446 — Réquila, de Sevilha (e com a conivência de alguns membros da aristocracia local) domina toda a Lusitânia e parte da Bética.

446 — Os romanos, dirigidos por Vito, *magister utriusque militiae* (comandante de tropas compostas por soldados romanos e visigodos), tentam libertar-se dos suevos, mas são derrotados.

448 — Morte de Réquila, rei suevo. O novo rei suevo, Requiário, converte-se ao catolicismo (um desafio aos arianos visigodos) e continua a assolar a Lusitânia, a Bética e mesmo a Cartaginense. É o primeiro rei bárbaro a cunhar moeda em seu nome.

451 — Morte de Teodorico, rei visigodo.

451-456 — Teodorico II, rei dos visigodos. Política de extermínio visigoda contra os suevos.

453 — Acordo de paz entre os hispano-romanos e suevos.

454 — Os hispano-romanos pedem auxílio a Teodorico para combaterem a “bagauda”.

456 — Requiário, rei suevo, infringindo seus acordos, ataca a Cartaginense e, apesar do conde Frontão invocar o acordo anterior, invade também a Tarraconense, praticando o saque e fazendo numerosos cativos. Teodorico II, rei visigodo, atravessa os Pireneus e dirige-se a Galécia, derrotando os suevos junto ao rio Orbigo, perto de Astorga; marcha até Braga, que é inteiramente saqueada, sem poupar cidadãos romanos, clérigos e igrejas. Depois, segue até o Porto, vencendo Requiário novamente e o condenando à morte. Por fim, entrega o reino suevo a Agiulfo, seu “cliente” da tribo dos varnas. Morte de Teodorico II, rei dos visigodos.

460 — Maldras, chefe suevo que tinha se insubordinado contra Agiulfo (morto no *castrum* do Porto) luta pelo poder contra Frantano — duas facções suevas rivais. É assassinado neste ano e sucedido por Frumário. Outro exército visigodo, desta vez sem o apoio romano, apodera-se de Santarém. O imperador do Ocidente, Maioriano, permanece algum tempo entre Tarragona e Cartagena, para preparar um ataque naval contra os vândalos, do qual sai derrotado. Frumário prende Idácio, galaico-romano bispo de Chaves durante alguns meses por liderar uma tentativa oculta de negociação entre os galaico-romanos e Requimundo (líder da outra facção visigoda que substituiu Frantano).

464 — Frumário e Requimundo, chefes das facções suevas que lutam pelo poder, morrem. Surge um novo chefe, Remismundo.

465 — Remismundo, rei suevo, retorna ao arianismo graças à pregação do bispo Ajax (ariano) na Galécia. Casa-se com uma princesa visigoda e recebe a investidura das armas de Teodorico: aliança suevo-visigótica. Os suevos convertem-se ao arianismo.

466-484 — Reinado visigodo de Eurico (sucessor de Teodorico): consolida seu domínio na Gália e conquista a Península, expulsando os romanos para o norte do rio Loire.

467 — Os suevos saqueiam Conímbriga, que desde então perde toda sua importância (sua população já começara a transferir-se para *Erminium* — atual Coimbra).

471 — O imperador do Ocidente, Antímio, tenta, em vão, conter os avanços de Eurico, rei visigodo, na Provença.

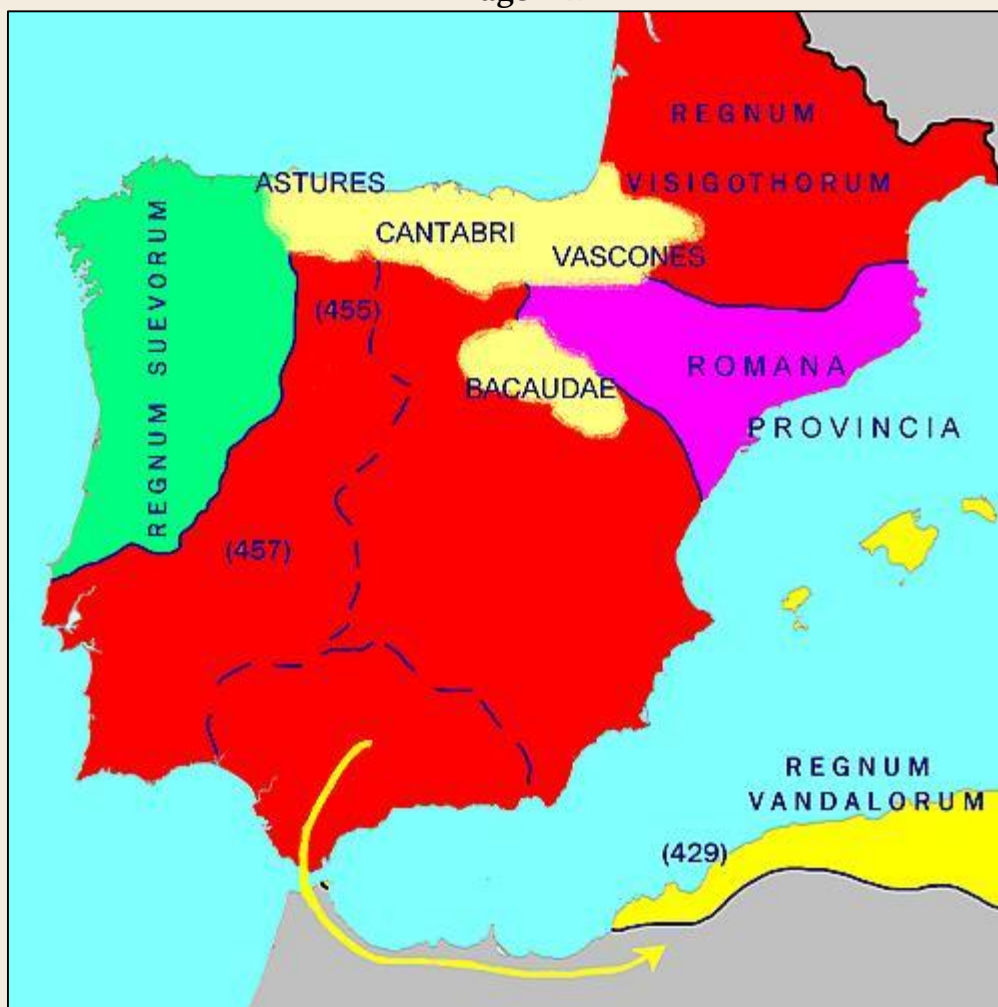
472 — Eurico, rei visigodo, ocupa a Tarraconense, por intermédio de tropas comandadas pelo seu general Heldefredo, que se unem aos restos do exército imperial (comandados pelo *dux provinciae* Vicêncio).

474-475 — Divergências entre Eurico, rei visigodo, e os bispos católicos da Gália.

474-491 — Zenão, Imperador do Oriente.

476 — Período de Rômulo Augústulo, Imperador do Ocidente.

Imagem 2



Península Ibérica por volta de 476

484 — Morte de Eurico, rei visigodo.

484-507 — Período de Alarico, rei visigodo.

497 — A revolta de Saragoça — contra a presença visigoda — após três anos, é afogada em sangue.

506 — Nova revolta na região de Saragoça (também esmagada) — contra a presença visigoda — conduzida por Pedro. Alarico II, rei visigodo, se reconcilia com os bispos católicos reunidos no Concílio de Agde e promulga a *Lex Romana Visigothorum*, base do célebre código jurídico que perdurou na Hispânia até o século XIII: assimilação efetiva da cultura romana por parte de Alarico II.

507 — Batalha de Voillé: vitória de Clóvis e seus francos e desaparecimento do reino visigodo de Tolosa (morte de Alarico); o fabuloso tesouro visigodo é capturado.

508-531 — Período de Amalarico, rei visigodo.

526 — Morte de Teodorico, rei ostrogodo; reinado independente de seu neto Amalarico (até 531).

527-565 — Período de Justiniano, Imperador do Oriente.

531 — Último ano de um *Prefectus Hispaniarum*; após essa data, não houve sucessor: indício de uma crescente quebra de influência de Roma sobre a Península.

534 — Destruição do reino dos vândalos pelo imperador Justiniano, imperador do Oriente.

549 — Assassinato do *dux* Teudisclo, sucessor do General Teudis, rei ostrogodo. Eleição do rei Ágila, visigodo (que fixa-se em Mérida; seu adversário, Atanagildo, proclama-se rei em Sevilha).

554 — Os bizantinos ocupam o sul da Península. Morte de Teudis, general e rei ostrogodo.

554-567 — Período de Atanagildo, rei visigodo.

555 — Assassinato de Ágila, rei visigodo; triunfo de seu adversário, Atanagildo.

Imagem 3



Península Ibérica por volta de 570.

565 — Atanagildo, rei visigodo, abandona o sul e fixa-se em Toledo: retirada de Mérida do primeiro plano da cena política.

567 — Morte de Atanagildo, rei dos visigodos. Após cinco meses, os visigodos elegem como rei a Liúva, duque de Septimânia, que resolve permanecer na Gália e associar ao trono seu irmão Leovigildo.

567-571 — Período de Teodomiro, rei dos ostrogodos.

570 — Leovigildo inicia uma série de campanhas que restituem aos visigodos a inteira supremacia sobre a Hispânia: conquista aos bizantinos (ainda nesse ano) Málaga, Medina Sidônia e Gibraltar.

572 — II Concílio de Braga, suscitado por São Martinho de Dume. Leovigildo submete Córdoba, que ainda se mantinha independente. Ataque perpetrado pelo rei dos suevos, Miro, contra o povo dos ruccones, que se situava provavelmente na mesma zona dos montes Arengenses (ver ano 575).

573 — Leovigildo, rei dos visigodos, reduz à obediência o povo dos sappos, que viviam a ocidente de Zamora (próximo a Bragança), na fronteira com os suevos. Leovigildo torna-se rei dos visigodos de

pleno direito, sucedendo seu irmão Liúva. Associa-se a seus dois filhos, Hermenegildo e Recaredo, e inicia uma política claramente inspirada nas instituições bizantinas e no direito romano (títulos, moedas e promulgação de uma versão atualizada do código visigótico).

575 — Leovigildo, rei dos visigodos, dirige uma expedição aos montes Aregenses (provavelmente entre as cidades de Leão e Orense), onde dominava o rico proprietário Aspídio — revide ao ataque de 572.

584 — Revolta do caudilho Audeca contra Eborico (filho de Miro, ver ano 572) — Eborico aceita a submissão a Leovigildo, rei dos visigodos. Audeca encerra Eborico num convento e se casa com Sisegúntia, viúva do rei Miro. Leovigildo, ocupado com sua campanha em Sevilha, não interveio logo.

585 — Hermenegildo, atraído por seus aliados é preso em Córdova, e assassinado. Extinção do reino suevo: seu último rei, Andeca, é derrotado em Bracara e *Portucale*. Leovigildo, rei dos visigodos, dirige-se à Galécia, prende Audeca num convento situado em Beja, apodera-se do tesouro régio e anexa o reino dos suevos — de nada vale a intervenção das tropas burgundas (enviadas por mar pelo rei Gontran e destroçadas no mar Cantábrico) nem a tentativa de revolta de um novo caudilho suevo, Amalarico (também derrotado): forte ocupação militar da Galécia.

586 — Morte de Leovigildo, rei dos visigodos.

586-601 — Recaredo, rei dos visigodos — momento de esplendor e de equilíbrio do reino visigótico.

589 — III Concílio de Toledo: conversão de Recaredo ao catolicismo. Revolta ariana na Septimânia, com o apoio dos burgúndios: o *dux* Cláudio é encarregado por Recaredo, rei dos visigodos, de a reprimir (com a ajuda dos merovíngios da Austrásia). Após essa data, consumada a assimilação entre godos e hispano-romanos. sancionada pela supressão do arianismo.

599 — O *dux* Cláudio, provavelmente regressado à Lusitânia, continua ainda a ser um dos principais chefes do exército, além de ser considerado mesmo em Roma, uma autoridade de grande prestígio, pois foi um dos correspondentes a quem o papa Gregório Magno se dirigiu numa das suas cartas.

600-620 — Calamidades naturais na Galécia e Lusitânia.

601 — Morte de Recaredo, rei dos visigodos.

612 — O duque Suintila submete os *rucones* dentro das antigas periferias do reino suevo. Disposições de Sisebuto, contra os judeus. Morte de Sisebuto, rei dos visigodos.

612-615 — Campanhas de Sisebuto e Suintila contra os últimos redutos bizantinos na Península.

612-621 — Recaredo II, rei dos visigodos. Morre em 621.

625-638 — Papado de Honório I, da Campânia.

628 — O visigodo Suintila expulsa os bizantinos do sul da Península.

631-640 — Período de Sisenando, rei dos visigodos.

640 — Morte de Sisenando, rei dos visigodos. É sucedido por Tulga.

642-653 — Chindasvinto, rei dos visigodos: momento de recuperação da autoridade régia visigoda (uso constante da violência).

653 — VIII Concílio de Toledo: perseguição aos judeus. Morte de Chindasvinto, rei dos visigodos.

654 — Rescevinho, rei visigodo, promulga o *Liber Iudiciorum* — última versão do código visigótico, sob a forma depois transmitida depois aos reinos da Reconquista. O bispo de Mérida, Orôncio, pede ao rei Rescevinho a restauração dos direitos metropolíticos de Mérida até ao Douro, após a supressão do reino suevo. Morre em 672 e é sucedido por Wamba.

680-687 — Período de Eurico, rei dos visigodos.

702-709 — Período de Witiza, rei visigodo.

709-711 — Período de Roderico, rei dos visigodos.

710 — O chefe berbere Tarif ben Ziyad, com a conivência de um dignatário visigodo rebelde de nome Julian, conduz uma força invasora através do Estreito até Tarifa.

711 — Batalha de Guadalete (perto de Cádiz): fim do domínio visigótico na Espanha. O rei dos visigodos, Roderico, é vencido pelos mouros liderados por Tarif ben Ziyad (morre no mesmo ano).

711-713 — Período de Filípico, Imperador do Oriente.

711-756 — Penetração e instalação de sucessivos grupos árabes e berberes.

712 — O general árabe Musa ibn Nusair toma Medina, Sidônia e Sevilha, e cerca Mérida, que resiste por muitos meses, rendendo-se, sob pacto, em junho de 713.

713 — Musa ibn Nusair instala-se, com a ajuda dos judeus revoltados, na capital (Toledo), submete também Huelva, Ossónoba (Faro) e Beja. Os visigodos de Niebla e Beja ocupam Sevilha, mas são dominados por Abd al-Aziz (filho de Musa ibn Nusair).

714 — Segunda campanha de Musa ibn Nusair: após ter-se reunido com Tarif ben Ziyad em Toledo (aí passando o inverno de 713-714) toma Burgos, Leão, Astorga, Lugo e talvez Viseu. Musa retorna a Damasco, cai em desgraça e é substituído por seu filho 'Abd al-Aziz (com o título de *váli* da Hispânia): realiza novas campanhas no território da Lusitânia—Évora, Santarém e Coimbra.

717 — Morte de Abdelaziz, "emir" da Península.

718-737 — Período de Pelágio, líder (e 10. rei) das Astúrias.

721 — Eudes, duque da Aquitânia, bate os muçulmanos diante de Tolosa.

722 — Batalha de Covadonga: vitória de Pelágio, que funda o reino das Astúrias (capital Oviedo).

732 — Batalha de Poitiers: vitória de Carlos (Martel), duque de Austrásia e Eudes, duque de Aquitânia, sobre os árabes. Morte de Abderraman, emir da Península.

735 — Os muçulmanos tomam Arles.

737 — Os muçulmanos tomam Avinhão e assolam o vale do Ródano até Lião.

742 — Balj ibn Bishr comanda um exército que reprime a revolta berbere. Recebe como recompensa o litoral mediterrâneo da Espanha, como feudo. Nascimento de Hisham I, futuro emir de Córdoba (20.).

750 — (aprox.) Afonso I, o *Católico*, consolida o reino de Astúrias. Massacre dos omíadas ordenado pelos abássidas.

756-788 — Período de Abd-al-Rahman I, emir de Córdoba.

759 — Pepino, o *Breve* expulsa os muçulmanos do sul da França (Narbona, última praça árabe).

760 — Abd-al-Rahman I estabelece, com sua cunhagem de moedas, um novo sistema monetário. Nascimento de Hakam I, neto de Abd-al-Rahman I e futuro emir de Córdoba (30.).

773 — Aparecimento da numeração árabe.

778 — Expedição de Carlos Magno a Saragoça: batalha de Roncesvalles (para proteger sua independência contra o emir de Córdoba, os governadores árabes do norte da Península apelaram para os francos, que avançaram até Saragoça).

785 — Início da construção da grande mesquita de Córdoba. Carlos Magno retoma Gerona.

800 — O nome Castela aparece pela primeira vez para referir-se a um pequeno e fragmentado distrito nas montanhas cantábricas ao norte de Burgos.

801 — Carlos Magno conquista Barcelona.

809 — Carlos Magno alcança Tarragona: é a consolidação da marca hispânica.

822-852 — Reinado de Abd-al-Rahman II, 40. emir de Córdoba, filho de Hakam I.

822 — Abd-al-Rahman II consegue atrair para sua corte o cantor Ziryab, que cria um conservatório de música em Córdoba. Morte do 30. emir de Córdoba, Hakam I.

844 — Início das incursões normandas no litoral peninsular.

848 — Nascimento de Afonso III, o *Grande*, rei das Astúrias.

850-912 — Os cristãos progredem até a linha do rio Douro, assentando as bases do repovoamento do vale do rio.

866-909 — Fernando Gonzalez funda o condado de Castela, que se estende até o rio Douro.

866-910 — Reinado (120.) de Afonso III, o *Grande*, das Astúrias: repovoamento de Braga, Portucale, Orense, *Eminum* (Coimbra), Viseu e Lamego.

871 — Reconquista de Coimbra pelos cristãos.

889-922 — Período de Carlos, o *Simples*, rei de França.

914 — Transferência da capital de Olviedo para Leão: início da existência do reino de Leão. Morte de Garcia, rei de Leão.

929 — Abd-al-Rahman III assume o título de califa em Córdoba.

929-931 — Papado de Estêvão VII, romano.
 930 — Morte de Afonso IV, o *Monge*, 40. rei de Leão.
 930-950 — Reinado (50.) de Ramiro II, de Leão.
 936-954 — Período de Luís IV, rei de França.
 938 — Primeiro documento em que *Portucale* aparece com um sentido regional: território ao sul do rio Lima e a norte do Douro, já separado da Galícia.
 939-942 — Papado de Estêvão VIII, romano.
 954-986 — Lotário, rei de França.
 955 — Lisboa é atacada por Ordoño III, rei de Leão.
 961 — Morte de Abd-al-Rahman III, 10. califa de Córdoba.
 961-976 — Califado de al-Hakam II, 20. califa de Córdoba. Primeiro-ministro e médico judeu Hasdai ibn Isaac ibn Xaprut (Abu Yusuf); general Almançor (Maomé ibn Abi Amir).
 980-1037 — Vida do filósofo persa Avicena (ibn Sina), que viveu por algum tempo em Saragoça.
 987 — Almançor repõe Coimbra sob o jugo islâmico.
 987-996 — Período de Hugo Capeto, rei de França.
 997 — Almançor toma e arrasa Santiago de Compostela.
 999-1008 — Período de Mendo Gonçalves II (neto de Gonçalo Mendes), conde de *Portucale*.
 999-1027 — Reinado de Afonso V, o *Nobre*, de Leão.
 1002 — Almançor invade Castela.
 1008-1015 — Período de Auvito Nunes, conde de *Portucale*.
 1017-1028 — Segundo Período de Nuno Auvites, conde de *Portucale*. Seu casamento com uma filha de Mendo Gonçalves II volta a unir as famílias Nunes e Mendes.
 1023-1024 — Abd-al-Rahman V é deposto por Mohammed al-Mustaqfi III, novo califa (120.). Sevilha independente de Córdoba — dinastia abácida sevilhana.
 1030 — Nascimento de Afonso VI, de Leão e Castela (filho de Sancho II).
 1031 — Fim do califado de Córdoba.

Imagem 4



Península Ibérica em 1031

1032 — Fernando I, o *Magno*, segundo filho de Sancho, o *Grande*, de Navarra, reúne sob um mesmo reino Castela e Leão.
 1038 — Batalha de Tamarón: morte de Bermuto, rei de Leão.
 1039-1056 — Henrique III, rei alemão.

1042-1068 — Reinado em Sevilha de Abad al-Mutadid — dinastia abácida.

1045 — Os cristãos reconquistam Calahorra. Antipapa Silvestre III.

1057 — Conquista de Lamego no reinado de Fernando I, o *Magno*, de Castela, Leão e Astúrias.

1058 — Conquista de Viseu no reinado de Fernando I, o *Magno*, de Castela, Leão e Astúrias. Morte do ministro Nagrela de Córdoba. Seu filho Jossef ibn Nagrela o sucede no cargo.

1059-1071 — Período de Nuno Mendes, último conde de *Portucale*.

1064 — Conquista definitiva de Coimbra no reinado de Fernando I, o *Magno*, de Castela, Leão e Astúrias. Os cruzados tomam a cidadela de Barbastro: recolhem imenso espólio. Fundação da primeira escola em Portugal, instalada em Coimbra, tendo um monge beneditino como responsável.

1066 — Insurreição popular em Granada. *Pogroom*: o ministro judeu Jossef ibn Nagrela é crucificado por uma multidão enraivecida e grande número de judeus são assassinados. Os sobreviventes deixam Granada por um bom tempo. O papa Alexandre II (milanês, 1061-1073) felicita o conde Raimundo Berengário I de Barcelona por sua sabedoria em preservar da morte os judeus em seus territórios. Haroldo II, rei da Inglaterra.

1066-1087 — Período de Guilherme I, o *Conquistador*, rei da Inglaterra.

1070 — Introdução da Reforma Cluniacense na Península. Os almorávidas fundam Marrakech. Restauração do bispado de Braga.

1071 — Morte do conde português Nuno Mendes em Pedroso numa revolta contra o rei de Galiza, perto de Braga: decadência da nobreza condal portugalense.

1072 — Batalha de Golpejera (janeiro): Afonso VI é derrotado por seus irmãos. Morte de Sancho II, de Leão e Castela.

1072-1109 — Reinado (30.) de Afonso VI (filho de Sancho II), de Leão e Castela.

1075 — Início da construção da catedral de Santiago de Compostela sob as ordens do mestre francês Bernard le Vieux. Morte de Sesnando, bispo do Porto.

1076 — Desaparição do reino de Navarra, com sua repartição entre Castela e Aragão.

1080 — Concílio de Burgos: substituição do rito moçárabe pelo romano. Afonso VI de Leão e Castela impõe o rito romano a todo seu reino. Restauração do bispado de Coimbra.

1081 — O papa Gregório VII (toscano, 1073-1085) pede a Afonso VI de Leão e Castela para não deixar os judeus dominarem, em suas terras, os cristãos e exercer seu poder sobre eles. Nascimento de Urraca, de Leão e Castela (filha de Afonso VI).

1085 — Afonso VI de Leão e Castela reconquista Toledo. Morte do papa Gregório VII. Afonso VI de Leão e Castela funda o centro de Logroño.

1086 — Batalha de Sagrajas e de Zala: Afonso VI, rei de Leão e Castela, é derrotado em ambas pelos almorávidas, liderados por Iusuf ibn Tashfin. Afonso VI, atribuindo ao "debilitante" uso dos banhos públicos a derrota de seu exército em Zala, manda destruí-los.

1087 — Uma segunda cruzada na Península, liderada por Raimundo de Saint-Gilles, conde de Toulouse e Eudes I, duque da Borgonha. Morte do bispo de Coimbra, Paterno.

1091 — Os almorávidas matam o rei de Sevilha. Morte do alvazil de Coimbra, Sesnando.

1092 — Derrota de Afonso VI de Leão e Castela em Jaén. Crescónio, bispo de Coimbra, sagra a igreja abacial de Pendorada.

1093 — Al Mutawakkil, rei de Badajoz (reino *taifa*) entrega Lisboa, o castelo de Sintra e Santarém a Afonso VI de Leão e Castela. Eleição de Dalmácio, monge francês de Cluny, para o bispado de Santiago de Compostela.

1094 — Tomada de Valência por *El Cid - Campeador*, rei de Valência em nome de Afonso VI de Leão e Castela: derrota um exército almorávida vindo da África. Casamento de D. Teresa (herdeira de Leão e Castela) com D. Henrique, quarto filho do duque de Borgonha (recebe como dote o Condado Portucalense).

1095 — Derrota do conde D. Raimundo na tentativa de recuperar Lisboa aos almorávidas. Começo do governo no condado de D. Henrique ao sul do Minho.

1096-1099 — Primeira Cruzada. Tomada de Edessa e Antioquia, Fundação do reino latino de Jerusalém.

1097 — *El Cid* derrota um segundo exército africano nas portas de Valência.

1099 — Morte do *Cid*. Governo em Valência de Ximena. Geraldo, eleito bispo de Braga, é sagrado pelo primaz de Toledo na abadia de Sahagún.

1100 — Batalha de Malagón: D. Raimundo e D. Henrique juntos no combate. Nasce o infante Sancho, filho de Afonso VI de Leão e Castela e da moura Zaida, nora do rei de Sevilha. O papa Pascoal II nega o pedido de Afonso VI de Leão e Castela para participar da Cruzada.

1101 — Eleição de Diego Gelmírez para o bispado de Santiago de Compostela (auge do bispado).

1102 — Os almorávidas apoderam-se de Valência, abandonada por Afonso VI de Leão e Castela.

1103 — Batalha de Vatalandi, onde morre Soeiro Fromarigues, senhor de Grijó.

1104-1134 — Reinado de Afonso I, o *Batalhador*, de Navarra e (40.) Aragão.

1105 — O conde D. Henrique em Santo Isidro de Las Dueñas e Burgos. Pacto entre D. Henrique (casado com D. Teresa) e D. Raimundo (casado com Urraca) sobre a sucessão do reino de Leão e Castela, na presença do legado cluniacense Dalmácio Geret: Henrique reconhece Raimundo como legítimo herdeiro dos reinos de Leão, Castela e Galiza, colocando-se como seu vassalo. Nasce Afonso Raimundes, filho de Raimundo e Urraca.

1106 — Afonso VI de Leão e Castela cai doente. Nascimento de Afonso VII, o *Imperador* (filho de Urraca, neto de Afonso VI de Leão e Castela).

1108 — Batalha de Uclés: morte do filho único de Afonso VI de Leão e Castela (o infante D. Sancho) em derrota diante os mouros. Afonso VI manda reunir cortes em Toledo para decidir a sucessão do trono.

1109 — Morte de Afonso VI de Leão e Castela em Toledo. Morte do abade Hugo de Cluny, partidário do conde D. Henrique.

1109-1114 — União fugaz entre Leão-Castela e Aragão: matrimônio de Urraca e Afonso I, o *Batalhador*, de Navarra e Aragão.

1109-1126 — Reinado de Urraca, de Leão e Castela (filha de Afonso VI).

1110 — (Janeiro) Batalha de Valtierra: D. Henrique participa a serviço de Afonso I, o *Batalhador*, de Navarra e Aragão, e Urraca contra o rei de Saragoça. (Outubro) Batalha de Candespina: D. Henrique luta com o rei de Aragão contra as tropas da rainha Urraca. Em novembro, D. Henrique passa para o lado de Urraca e cerca o marido desta (Afonso I, o *Batalhador*, de Navarra e Aragão) em Peñafiel.

1111 — Os almorávidas, sob o comando de Sir ben Abu Bakr, apoderam-se de Santarém e Saragoça.

1111-1127 — Guerras entre Afonso I, o *Batalhador*, de Navarra e Aragão e seu genro Afonso VII.

1112 — Restauração do bispado de *Portucale*. Hugo de Compostela é nomeado para a diocese do Porto.

1114 — Os almorávidas avançam até Barcelona. Bula papal que separa Afonso I, o *Batalhador*, de Navarra e Aragão de Urraca. Sagração episcopal do bispo de Lugo, sufragâneo de Braga.

1115 — Tomada de Toledo pelos cristãos.

1117 — Raimundo Berengário III, conde de Barcelona, unifica o espaço político catalão. Os mouros incendiam os arrebaldes de Coimbra: morte de centenas de cristãos. Urraca, rainha de Leão e Castela, assina um acordo com os representantes de Afonso Henriques, reconhecendo sua autoridade sobre Galiza e Toledo, reservando para si o governo de Leão e o resto de Castela.

1118 — Afonso I, o *Batalhador*, rei de Navarra e Aragão, toma Saragoça, que se torna a capital do reino aragonês. Em Jerusalém, fundação da Ordem do Templo. Tomada da cidade de Alcalá de Henares.

1120 — Na Palestina, Raymund du Puy organiza a Ordem do Hospital como uma ordem religiosa e militar. A rainha de Leão e Castela Urraca invade Portugal e saqueia todo o território: D. Teresa refugia-se no castelo de Lanhoso, sujeitando-se à irmã.

1124 — Morte do arcebispo Bernardo. Afonso VII arma-se cavaleiro em Santiago de Compostela.

1125-1126 — Afonso I, o *Batalhador*, rei de Navarra e Aragão, realiza uma expedição a Andaluzia, trazendo em seu regresso a Aragão um importante contingente de moçárabes. Nascimento em Córdoba de Maimônides (1126-1198), médico e filósofo judeu.

1126 — Morte de Urraca, rainha de Leão e Castela. Ali ben Yusuf deporta milhares de moçárabes para a África, sob o pretexto de haverem colaborado com Afonso I de Aragão.

1126-1157 — Reinado de Afonso VII, o *Imperador*, de Leão e Castela.

1126-1198 — Vida do filósofo hispânico Averróis.

1127 — Acordo de Zamora entre Afonso VII de Leão e Castela, D. Teresa e Fernão Peres. Ação militar de Afonso VII de Leão e Castela contra o rei de Aragão: acordo no vale de Tâmara. Afonso VII de Leão e Castela submete pela força sua tia D. Teresa, que se recusava a prestar-lhe vassalagem.

1128 — Batalha de S. Mamede: D. Afonso Henriques vence sua mãe D. Teresa e passa a governar com o título de rei (D. Afonso I). D. Teresa doa a primeira casa conventual dos hospitalários em Portugal, o mosteiro de Leça do Bailio. A Ordem do Templo se instala em Portugal: D. Teresa doa à ordem o castelo do Soure, no rio Mondego e todas as terras entre Coimbra e Leiria, as quais estavam despo-voadas e ainda em poder dos infiéis (confirmado em 29 do mesmo mês).

1128-1137 — Afonso I de Portugal em rebelião aberta contra Afonso VII, de Leão e Castela.

1130 — Morte de D. Teresa, a condessa portugalense destronada.

1131 — Afonso I de Portugal abandona Guimarães, antiga residência dos condes de *Portucale*, para fazer de Coimbra o centro de suas deslocações através de seus domínios.

1134 — Morte de Afonso I, o *Batalhador*, de Navarra e Aragão: restauração do reino de Navarra. Em seu testamento, Afonso I, o *Batalhador*, que não deixou herdeiros, doou seu reino às ordens do Templo e do Hospital. Concílio de Tarragona, em Aragão: nenhum sarraceno pode abraçar o judaísmo e nenhum judeu pode tornar-se sarraceno.

1139 — Batalha de Ourique: vitória de Afonso I de Portugal sobre os muçulmanos; começa a utilizar o título de rei: 1139-1185. Bula papal *Omne datum optimum* estabelece os privilégios da Ordem do Templo. Segundo foral de Satão, concedido por Afonso I de Portugal. Isenção canônica do mosteiro canonical de Grijó.

1140 — Afonso I de Portugal invade a Galícia e reconquista Santarém.

(CONTINUA N'O TUIUTI 434)

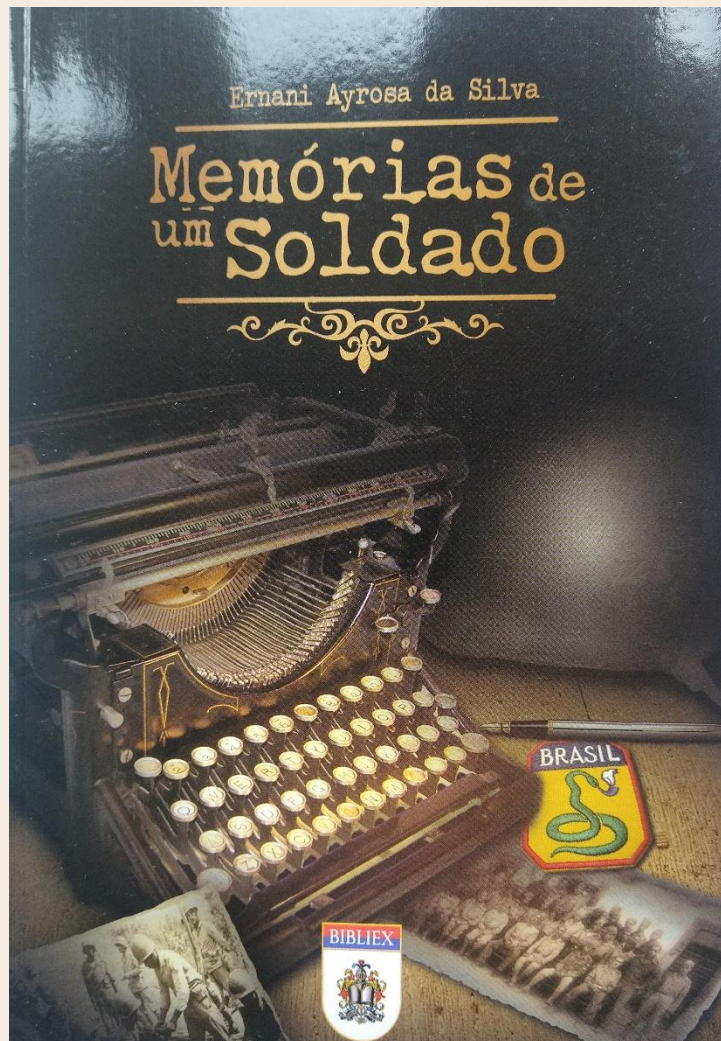
%%%%%%%%%

Você sabe quem foi Prometeu?

Filho de Iápeto e de Climene. Gerou os filhos Deucalião, Lico e Quimereu. Foi voluntário para lutar ao lado de Júpiter contra os Titãs. Foi enviado à terra para criar um ser diferente dos animais – o homem. Mas revoltou-se contra Júpiter e esculpiu formas iguais às dos deuses com o barro. Minerva deu vida à essas esculturas e assim estava criada a espécie humana. Júpiter vingou-se escondendo o fogo dos mortais, que era o último elemento que faltava para o homem formar uma civilização. Mas Prometeu voou ao céu, apanhou uma chama e a entregou aos homens, sua principal façanha. A humanidade jamais seria a mesma. Júpiter quis vingar-se novamente e mandou Pandora (ver a Caixa de Pandora) à terra para espalhar a desgraça. E ainda prendeu Prometeu no alto de uma rocha, fazendo com que uma águia lhe comesse parte do fígado todos os dias. Embora condenado a ser um mortal, Prometeu resistiu durante trinta anos e foi libertado por Hércules. Condenado, recuperou a imortalidade quando aceitou ser substituído à morte pelo Centauro Quírião. É um dos deuses do Olimpo.

+++++

Livro recebido por doação do Gen Hertz, Cmt Militar do Sul e que está à disposição dos integrantes:



SILVA, Ernani Ayrosa da. Memórias de um Soldado. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2013, 2ª edição.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br>